

'Refém' de Neymar, Ancelotti ignora sua própria grandeza em eliminação do Brasil

Treinador se rendeu a medalhões e abriu mão de suas crenças na derrota para a Noruega

Por **Pedro Sobreiro**

Neste domingo (5), o Brasil foi eliminado pela Noruega nas oitavas de final da Copa do Mundo 2026, em Nova Jersey, em um jogo que sintetizou com perfeição a conclusão do ciclo mais traumático da história do futebol brasileiro. Porém, o que chamou atenção mesmo foi a falta de convicção do técnico Carlo Ancelotti, que chegou embasado por seu prestígio e carreira vitoriosa para tentar recolocar a Seleção nos trilhos, por assim dizer.

Após um ciclo completamente conturbado, que contou com quatro treinadores distintos e uma mudança no comando político da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), além de polêmicas débeis quanto a cor da segunda camisa e a parceria com a marca americana 'Jordan', para alguns seria motivo de celebração apenas conseguir a classificação para o Mundial. Porém, para a Seleção Brasileira, a maior campeã do torneio e a única a ter participado de todas as Copas na história, somente estar lá é muito pouco.

A chegada de Ancelotti, em maio de 2025, foi motivo de muita celebração, porque se trata de um dos mais vitoriosos técnicos da história. Alguém cujo currículo fala por si, e que teria essa moral, esse respeito para barrar jogadores sem condições de atuar em alto nível e trocar os 'medalhões' pelos novos destaques do futebol. E isso foi chancelado pelo próprio presidente da entidade, Samir Xaud, que falou em "autonomia total" do treinador durante sua apresentação.

"A CBF contrata um dos maiores técnicos do mundo, um cara muito experiente, que ama o futebol brasileiro, com ampla experiência. A CBF fica muito feliz com esse contrato e nós acreditamos muito no trabalho da comissão técnica juntamente com ele. A CBF vai dar total autonomia de trabalho para você, Carlo, e sua equipe, junto com o Rodrigo Caetano e o que nós queremos é colocar novamente a Seleção Brasileira onde merece", disse Samir Xaud na cerimônia de apresentação de Ancelotti.

Entretanto, apesar de ter convocado revelações do futebol brasileiro, como Endrick e Rayan, o primeiro ciclo de Ancelotti ficará marcado por seu apego à velha guarda, a jogadores que nitidamente não tinham mais condições físicas de jogar no principal torneio do futebol mundial.

A grande prova disso é que

em 30 de março deste ano, o italiano antecipou que o primeiro jogador confirmado na Seleção para a Copa era o lateral-direito Danilo, de 34 anos. O defensor do Flamengo já havia sido contestado por imprensa e torcida quando foi convocado para a Copa de 2022, com quatro anos a menos e jogando no futebol europeu. Em 2026, a convocação foi ainda mais absurda, porque o atleta sequer vinha atuando como lateral no Flamengo. Ele transitou para a posição de zagueiro por não ter mais condições físicas de subir ao ataque, como manda a posição de lateral.

Na outra lateral, Alex Sandro, 35 anos, também do Flamengo, foi convocado, mesmo não sendo unanimidade sequer no futebol brasileiro. Nem mesmo os torcedores rubro-negros compreenderam tal convocação.

Mas nenhuma situação envolvendo essa eliminação foi tão vexatória quanto a convocação de Neymar. Ancelotti deu a entender, ao longo de todo o ciclo de Copa, que não convocaria Neymar Jr. para sua 'Last Dance' na Seleção. E não entra em pauta questões pessoais. O treinador sempre ressaltou que era uma decisão baseada exclusivamente por questões físicas. Qualquer um que tenha assistido qualquer jogo de Neymar nos últimos três anos sabia que não dava mais para ele jogar com a Canarinha.

A situação ficou ainda mais calamitosa momentos antes da convocação final, quando o jogador nitidamente se lesionou na partida contra o Coritiba, pelo Campeonato Brasileiro, e teve a gravidade da lesão tomada por obscuridade.

Ainda assim, aos '45 do segundo tempo', Ancelotti, que supostamente teria essa 'moral' de vetar os medalhões, cedeu à pressão popular e dos influenciadores raivosos das redes sociais, e convocou Neymar para uma 'despedida' na Copa.

Refém de fatores externos, dada a influência e relevância de Neymar no mundo da bola, Ancelotti poderia ter "desviado" da culpa se tivesse cedido à pressão de levar o camisa 10 do Santos, mas o utilizasse apenas como um agente motivacional, um "conselheiro" que estaria no banco apenas para motivar e passar experiência para os jovens, entrando eventualmente para uma disputa de pênaltis ou algo do tipo.

O papel de Neymar nessa Copa, já que foi convocado, deveria ser muito mais próximo do que foi o do goleiro Ochoa, do México, do que de um Cristiano



Com contrato renovado até 2030, Ancelotti foi soberbo e apostou em 'tudo ou nada' contra Noruega

Ronaldo, em Portugal. O camisa 10 brasileiro não poderia ser tratado como esperança, ainda mais voltando de lesão.

Porém, ao decidir colocá-lo em campo aos 22 do segundo tempo contra a Noruega, em uma partida parelha, Ancelotti assumiu completamente a culpa em uma leitura errada e assustadoramente arrogante do jogo.

Veja bem, a Argentina, atual campeã do mundo, não tratou a ida para a prorrogação contra Cabo Verde como vexame. Scaloni soube jogar o jogo e conseguiu avançar. A tão estrelada França, o bicho-papão dessa Copa, enfrentou um Paraguai 100% na retranca e soube lidar com a partida, marcando um gol e adotando a catimba rival para infernizar o adversário. Na batalha da malandragem, Mbappé deu um baile nos irmãos sul-americanos.

Para Ancelotti, porém, ir para a prorrogação contra um adversário muito qualificado, parecia inaceitável. Ele preferiu apostar no "tudo ou nada" na metade do segundo tempo. Para piorar a situação, ele promoveu as alterações derradeiras no momento em que o time brasileiro havia encaixado e mais levava perigo ao gol norueguês.

A entrada do menino En-

drick no lugar de Matheus Cunha deu mais mobilidade ao ataque e tinha começado a "soltar" mais o menino Rayan - que fazia uma partida defensivamente perfeita, anulando as subidas de Haaland ao ataque - para chegar ao gol, enquanto Vinícius Jr. seguia infernizando o lado esquerdo da Noruega.

Houve pelo menos três chances claras de gol, duas perdidas por Endrick, que indicavam uma reta final de partida mais favorável ao Brasil. Porém, ao trocar Rayan e Martinelli por Neymar e Danilo Santos, Ancelotti matou qualquer chance ofensiva brasileira e expôs as deficiências de sua convocação.

Com a saída de Rayan para a entrada de Neymar, Endrick, que não é marcador, foi jogado para a ponta direita para que o camisa 10 pudesse jogar de centroavante. O problema é que o lateral-direito, Danilo, não tinha pique para subir ao ataque e já estava cansado para tentar impedir as investidas norueguesas. E Endrick não tem a altura e nem a intensidade de Rayan para desempenhar essa função dupla de ponta e lateral.

Resultado: Haaland enfim foi acionado no jogo. E os torcedores do Manchester City sabem que o gigante norueguês precisa

de apenas uma chance para marcar. E assim o fez. O camisa 9 tocou três vezes na bola em toda a partida. Duas delas terminaram em gol. Todas as três aconteceram após a saída de Rayan e o desmanche do esquema que funcionara tão bem no torneio.

No ataque, a situação foi ainda mais vexatória. Endrick, que levava perigo ao gol, teve que tentar aprender a marcar lateral, enquanto Neymar ficava isolado no ataque sem conseguir dar um pique de velocidade sequer. Vini Jr., que infiltrava no ataque como um segundo atacante, precisou fazer a ponta-esquerda e não conseguiu jogar em detrimento de um ex-jogador em atividade que se recusou a aceitar que seu lugar já não era mais na Seleção.

Mas tudo isso recai sobre Carlo Ancelotti, que não bancou sua própria lei de somente convocar jogadores em condições físicas de atuar, ficando refém dessa geração de "jogadores influencers" e de uma soberba vexatória.

FIM DA 'GERAÇÃO 7 A 1'

O lado positivo dessa eliminação, se é que é possível extrair positividade da morte do sonho de 213 milhões de brasileiros de forma tão patética, é que a infame "Geração 7 a 1" está oficialmente fora da Seleção Brasileira.

Vítimas de um trabalho vexatório da CBF, que não soube fazer a transição de gerações no ciclo para a Copa do Mundo de 2010, esses jogadores foram alçados à Seleção principal já com a responsabilidade de comandarem o time em uma Copa do Mundo em casa. Liderados por gestões corruptas da entidade e completamente perdidas no quesito "futebol", atletas promissores tiveram pouco ou nenhum contato com os craques experientes e tiveram de assumir essa bronca, que terminou com a humilhação sofrida ante a Alemanha no Mineirão, naquele fatídico 8 de julho de 2014.

Com a aposentadoria de Neymar da Seleção, o "último dos moicanos" de uma geração que jamais se tornou aquilo que poderia, o Brasil enfim fica livre do peso do erro de suas escolhas passadas.

É necessário, porém, reconhecer os erros cometidos de 2006 até aqui para evitar repeti-los. A geração que está vindo é muito boa. Nomes como Endrick e Rayan tiveram esse gostinho do Mundial em 2026 e têm tudo para serem pilares futuros de um projeto vitorioso ao lado de Vini Jr., grande referência da geração.